

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontrarão-se na ultima pagina da capa.



CHRONICA DOS SALÕES.

Leitoras, pouco temos hoje que noticiar-vos no que diz respeito ao mundo dos salões, pois que a epocha é consagrada ás solemnidades religiosas que commemorão o martyrio da Cruz. Entretanto sempre vos poderei entreter com a historia da sociedade *Sylphide*, e algumas outras pequenas occorrencias.

Já sabeis o que é a sociedade *Sylphide*, e por varias vezes tendes ouvido os panegyricos tecidos á sua digna directoria pelo zelo incansavel com que faz progredir esta interessante sociedade a collocar-se a par das mais brilhantes. Por sua parte, as nossas amaveis fluminenses parece que têm feito proposito de auxiliar a directoria com a elegancia, bom gosto e brilho de seus *toilettes*. Com effeito não pudemos decidir-nos na preferencia que devíamos fazer entre mais de uma duzia de senhoras, cujos vestidos e adornos, cada qual mais bello, brilhavão no magnifico salão, onde as luzes reflectião o brilho das cores.

Foi grande a concorrência da ultima reunião; a companhia esteve animada e alegre; a musica foi excellente e o serviço abundante e delicado. Dissolveu-se a companhia depois das duas horas da noite com geral saptisficação pela bella noite que ali se passou.

No domingo passado, anniversario do juramento da constituição do Imperio, tiveram lugar

as formalidades do estylo, e á tarde a parada da guarda nacional-distrahiu do Passeio Publico a concorrência dos amadores desse bello lugar: mas, ao anoitecer, começou a encher-se a varanda, e virão-se logo as alamedas guarnecidas de ludos *toilettes de passeio*, enquanto uma banda de musica executava escolhidas peças, cujos sons se diffundião por entre o arvoredo á fazer-se ouvir em todos os angulos desse recinto.

Na noite seguinte, anniversario natalicio de uma respeitavel senhora da Côte, houve uma esplendida reunião no palacete da rua de Santa Thereza, onde se reuniu grande numero das mais escolhidas e mimosas flores fluminenses. A interessante filha de S. Ex.^a, denunciando no semblante a alegria de sua alma candida, muito concorreu para tornar pouco commum o prazer desta companhia escolhida. Cantarão-se lindas peças de musica: dançou-se com delirio, e foi offerecido aos convidados um esplendido chá.

Nós, que nos sentimos amiga delicada e apreciadora das eminentes virtudes que adornão a Exm.^a Sra. Viscondessa de Maranguape, respeitosamente a felicitamos pelo auguro motivo de seu anniversario natalicio.

Triste noticia, leitoras, temos agora que dar-vos. O emprezario do *Club Fluminense* sentiu-se abatido pelo peso de seus peccados, e tratou de

remir-se delles, com a penitencia alheia, annunciando por isso, que não haveria partida na quarta-feira por ser a da semana da paixão. Foi muito sentida esta deliberação por todas as pessoas que são gratas e afeiçãoadas ao digno emprezario pelo divertimento que lhes proporciona, e no qual se distingue pela sua delicadeza e amabilidade. Por que razão não poderia haver reunião semanal no Club Fluminense, sendo uma simples reunião de família, tendo havido na mesma semana muitas partidas, das quaes acima noticiamos uma, tendo havido theatro lyrico e representações dramaticas de uma opera, que não obstante ser sacra, é bastante jocosa. Asseguramos ao digno emprezario, que muito pouco agradou a excessiva religiosidade, pela qual muito temeríamos que elle perdesse algumas sympathias se não soubessemos quanto sabe elle tornar-se digno de estima, e conquistar sinceras afeições. Dêe-nos ainda que só nós, as senhoras, fossemos as condemnadas a

esta penitencia, porque as salas estiverão abertas para os cavalheiros, como é de costume.

Tenhamos porém paciencia, até que possamos, na primeira quarta feira em que nos reunamos no Club, epocho de tantos obsequios que o façamos ter remorsos de nos haver feito retirar por mais de quinze dias com tanta indifferença. E' assim que deveremos castigar-o para evitar a reincidencia do delicto commetido para com Thereseora, que nós representamos no Club.

E' chegada a Semana Santa : nada poderemos portanto annunciar-vos no proximo domingo, a respeito de salões ; mas procuraremos substituir este artigo com o quanto observarmos nos toilettes proprios deste tempo, como já observamos alguns que se apresentarão na sexta-feira, quando passava a procissão do Triumpho, e dos quaes trataremos no domingo da Resurreição.

Alina.

EXPLICAÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

- N.º 1 — Camisinha redonda de filó, bordo applicação de cassa.
- N.º 2 — Tira de camisinha de filó, applicação de cassa.
- N.º 3 — Bordado inglez e brasileiro.
- N.º 4 — Entremeio para mangas, bordado inglez.
- N.º 5 — Bordado de festão para folhos de vestido de cassa.
- N.º 6 — Bordado de festão para enfeito de mangas e corpo de um vestido de cassa.
- N.º 7 — Tira para mangas, bordado inglez.
- N.º 8 — Letras, ponto real.
- N.º 9 — Firma, ponto real.
- N.º 10 — Letras, ponto real.
- N.º 11 — Letras, ponto real.
- N.º 12 — Letras, bordado inglez.
- N.º 13 — Letras, ponto real.
- N.º 14 — Letras, ponto real.

- N.º 15 — Firma, ponto real.
- N.º 16 — Letras, ponto real.
- N.º 17 — Letras, ponto real.
- N.º 18 — Festão.
- N.º 19 — Letras, ponto real.
- N.º 20 — Vestidinho.
- N.º 21 — Camisola com paletó.
- N.º 22 e 23 — Toncas de criança.
- N.º 24 — Saço de crochet de seda.
- N.º 25 — Flor de lã.
- N.º 26 — Molde de folha da flor n. 27.
- N.º 27 — Flor de lã.
- N.º 28 — Pedação de marfim sobre o qual se fazem as folhas.
- N.º 29 — Folha da flor n. 25.
- Mathilde.—Bordado inglez e festão.
- Ernestine.—Ponto real.
- Marie.—Ponto real.
- Allonce.—Ponto real.

JARILLA.

PELA SRA. D. CAROLINA CORONADO.

(Continuado do n. 12.)

XII.

O enterro do Mouró.

*Por la puerta de la Vega
Salen gentes a caballo
Vestidos de raso negro.*

ROMANCEIRO.

A noite que se seguiu a este dia passou mui

triste no castello de Salvaterra. Assobiava o vento pelas torres, e ouvião-se gemer os ramunculos dos espinhosos arbustos nascidos pelas fendas das muralhas, como tristes encarcerados a carpirem-se em silencio. A lua envolta n'um véo de nuvens, parecia o cadaver de uma virgem coberto de lúchres erépes. Vião-se como phantasmas os homens d'armas que velavão nos muros ; os cavalheiros vagavão silen-

ciosamente pela vasta quadra aonde haviam dispostos as armaduras, e os escudeiros e pagens limpavam os arnazes á luz de uma grande fogueira. Alguma noticia importante recebera o condestavel que o tinha em larga conferencia com el-rei, e da qual erao symptomas as ordens que dera para que os guerreiros estivessem promptos á primeira voz. Muitos delles não tinham tirado os elmos, nem os guantes, nem seus cavallos sellados haviam sido aliviados se quer do peso da hacha de armas pendurada ao arçao. O cavallo que conduzia o rei ao castello achava-se desenhacado, e, ao seu lado via-se o ginete de batalha coberto de aço. Tudo dava indicios de uma proxima lide.

Entretanto um cavalleiro precedido de alguns pagens com archotes, e quatro homens conduzindo um alaude, descia do castello como uma apparição que gelava de terror as sentinellas que os miravao de longe. Peres conhecia o mysterio, e revelava-o em voz baixa aos seus companheiros.

— Eu vi o Mouro, dizia elle, estirado na sala do meu senhor, e tinha-se-lhe posto a cara; ao maldito, tão negra como o pello do meu cavallo. Morto como estava, tinha os olhos abertos; e pareceu-me que soprava e lhe sahia fumo do nariz; e dahi talvez fosse o espirrar-das luzes! Foi o meu senhor mesmo que o mettea no caixão, e chamou os tres irmãos Vargas e o Gusmão, que não crêem em cousas de feiticieira, e todos quatro carregarão com elle. O fidalgo mandou que sahisses pela porta secreta... aonde pensão que elles se dirigem?... Amanhã ha de haver novo senhor no castello...

— Mas aonde se dirigem elles? perguntou Marinilla.

— Aonde não o seguirião senão os condemnados... ao inferno!

Todos fizeram o signal da cruz, e se acercarão uns dos outros.

— Olhem que luzes aquellas, continuou Peres, apavorado. Cada vez se vão alastando mais até se sumirem nas profundas. Bem dizia eu que o Mouro nos havia de acarretar muitas desgraças; se eu sei o que elles valem! Já se não vêem as luzes... Pobre fidalgo! Aquella caridade com o infiel, mais tarde ou mais cedo devia perder-o: Rezemos por sua alma. Em nome do Padre, do Filho...

E aquelles homens rudes e ferozes nas batalhas, cruzarão as mãos humildemente e responderão em côro á oração de Peres: « Amen. »

Porém, a voz do clarim e o rufar dos tambores interrompêro o seu pacifico resar. Os escudeiros correrão aos corseis, os cavalleiros ás armaduras, e por toda a parte ressoava o tinar das esporas e o gemer dos guantes. A propria rainha cingiu um ligeiro elmo de ouro, e uma elegante espada. Só o Marquez de Vilhena estirado n'uma poltrona, exhalava dolorosos gemidos e maldizia a gotta que o estorvava de seguir o rei. A bella princeza acercou-se d'elle, e disse-lhe em bom castelhano:

— Marquez, manda cortar essa perna que de nada te serve, e assim poderás dispensar o acicate de que hoje careço.

E despedindo-se da sua dama, desceu S. A. ao pateo do castello onde o rei e as suas tropas se preparavão para marchar, dando morras ao mestre de Santiago.

Román ouviu do valle o toque de chamada, e apressou a marcha do funebre cortejo; mas o vento apenas permittia conservar accessos os archotes, e o caminho era de cerrado matagal. Parou aonde pela primeira vez vira Jarilla, chamou-a tres vezes, e ninguém lhe respondeu.

Então Román fez com que os homens tocassêem de abrir á sepultura, e elle dirigiu-se para a fonte dos loureiros chamando novamente Jarilla. A unica resposta que obteve foi o ecoar dos clarins, e o donzel estremeceu, porque o seu dever chamava-o para junto do rei. Adiantou-se machucadamente na direcção da casa, e tornou a bradar por Jarilla com quanta força tinha; mas o rufar dos tambores ouvia-se cada vez mais claramente, e ao cavalleiro devorava-o a mais cruel ansiedade. Deu alguns passos, chamou por Jarilla por ultima vez, e desesperado de não obter resposta, voltou para o lado de Regio, quando estava quasi concluida a covã que havia de conter o seu cadaver. Os archotes ao abrigo do valle, espargião um vivissimo clarão. Román levantou o panu funebre que cobria o Mouro e beijou-lhe respeitosamente a testa, quando se sentiu certo rumor por entre o matto... Ouviu-se um grito; e Jarilla, melancolica e pallida, cahiu nos braços do donzel. As ardentes lagrimas da virgem inundavão as faces de Roman, e os labios tremulos do soluçar palpitação sobre a sua boca, ao mesmo tempo que os clarins esturgião os ares.

— Agora não te has de separar de mim, disse a infeliz, viveremos na gruta... Román; sou ditosa, porque te tenho ao pé de mim!

— Nosso pai morreu, disse Roman, venho dar-lhe sepultura.

— Meu pai! bradou Jarilla, voltando a cabeça.

E aterrada á vista do cadaver, perdeu os sentidos nos braços de Roman.

Este susteve-a com um braço, e com o outro collocou o véo funebre sobre o rosto de Regio, dizendo aos seus:

— Sepultem-no!

O donzel viu deitar o ultimo punhado de terra sobre o cadaver de seu pai, e montado no corcel com Jarilla nos braços, dirigiu-se para o castello, quando começava a romper o dia.

Jarilla tornára em si, e olhava espantada para o cavalleiro; que, com a viseira calada, a apertava nos braços. O seio desnudado da virgem oscilava violentamente ao galopar do corcel, e se feria, roçando contra a rijã couraça do ginete; mas o terror não lhe permittia queixar-se.

O reboar dos clarins não cessára entretanto, e Roman, devorado pela impaciencia, cravou d'esporas ao cavallo, apenas passou os matageas.

Então o roçar do seio da virgem contra as douradas escamas da couraça, foi tão violento que fez rebentar-lhe o sangue. Jarilla soltou um gemido, e desmaiou.

Roman deteve-a, e mirou-a assustado.

Era já claro dia. Os bellos olhos da joven estavam cerrados e brotando lagrimas. Uma gotta de sangue lhe corria pelo alvo peito. Roman levantou a viseira, e bebeu-lhe nos olhos e no seio, as gottas de suas lagrimas, e a gotta do seu sangue.

Roman pôde observar o estrago que em tão poucos dias a dor fizera naquella infeliz... Pobre rapariga!... Havia desaparecido a redondez das suas faces; dous circulos azulados lhe rodeavam os olhos, e, com achar-se queimada do sol, parecia de neve a sua tez, tão pallida estava. Os ossos dos hombros assemelhava-se a duas redondas setas á flor da terra, e no peito podião observar-se-lhe os mais finos tendões, e as veias esverdeadas.

— Roman! exclamou Jarilla torpando a si, leva-me para a fonte; leva-me para a fonte, leva-me; tenho medo de correr assim... Vamos para a fonte... eu te amo!

E enlaçando o cavalleiro com seus amantes braços, lhe inundou o rosto de lagrimas. Aquellas palavras forão um dardo para o coração de Roman!

O toque de chamada continuava a reboar pelos montes.

Roman seguiu sua carreira, e a poucos minutos achou-se em frente das tropas do rei. Viu despregadas as bandeiras, e todos os preparativos de guerra; ouvia os brados — *ao combate* — e por vez primeira sentiu que lhe subia a cór ao rosto, de vergonha.

Parou junto de um grupo de cavalleiros, e perguntou com voz de stentor pelo marquez de Vilhena.

— Esta no castello, respondeu um cortezão, á sua espera e da sua amante.

O coração de Roman pulou-lhe no peito, e seu responder palavra, dirigiu-se para o castello a galope. Galgou a serra, entrou pelas muralhas, apeou-se conduziudo Jarilla, subiu ao aposento do marquez e disse-lhe com ar solenne:

— Marquez de Vilhena, já sabeis que não sou vosso filho; nem o vosso nome, nem a vossa herança, nem este castello me pertencem já; sou, porém, um cavalleiro que vem depositar dentro destas muralhas uma douzella, que a honra manda proteger. Por vossa honra de cavalleiro, peço-vos que guardeis fielmente este sagrado deposito até que eu venha reivindicá-lo... Beltran, as minhas armas de batalha.

O marquez de Vilhena ergueu-se, e estendeu a mão por sobre a cabeça de Jarilla.

— Beltran, as minhas armas de batalha! repetiu Roman. Graças, marquez de Vilhena; se algum dia precisardes de uma espada, não esqueçais a minha.

E armando-se precipitadamente, desceu a escada, montou a cavallo e voou como uma exhalção, em pós do estandarte real.

(Continúa.)

POESIA.

VERSOS A' SANTINHA.

Ah! vem, pallida virgem, se tens pena
De quem morre por ti, e morre amando,
Dá vida em teu alento á minha vida,
Que nos labios meus minha alma á tua!
Eu quero ao pé de ti sentir o mundo
Na tua alma infantil; na tua fronte
Beijar a luz de Deus; nos teus suspiros
Sentir as vibrações do paraíso;
E á teu pé, de joelhos, crer ainda
Que não mente o amor que um anjo inspira
Que eu posso na tua alma ser ditoso
Beijar-te nos cabellos soluçando
E no teu seio ser feliz morrendo.

AZEVEDO.

I.

Já corre a noite triste, o céu escuro
Só tenebroso manto além off rece!
No sul curisco em fogo o céu serpê,
Mingindo vem a vaga, eis que perrece!

Além, além no turbilhão das vagas
Phantasma nebuloso se alevanta!
D'instante em instante se: crusando os raios,
Das vagas o horror ao forte espanta!

Em languido sonhar minha alma existe,
Scismaudo adormecida em seus amores:
Das nuvens não attende ameaças fracas
Raivoso pego não lhe inspira horrores!

II.

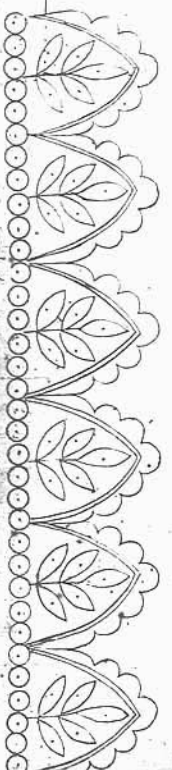
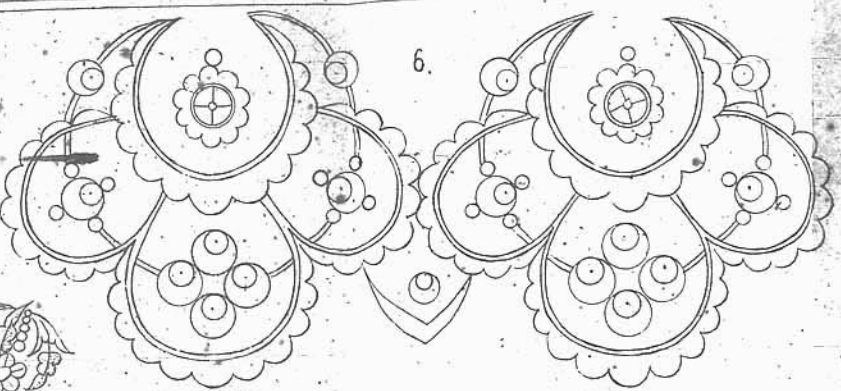
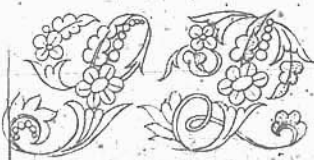
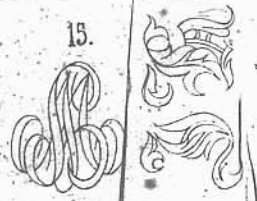
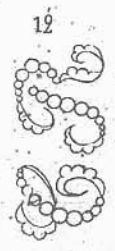
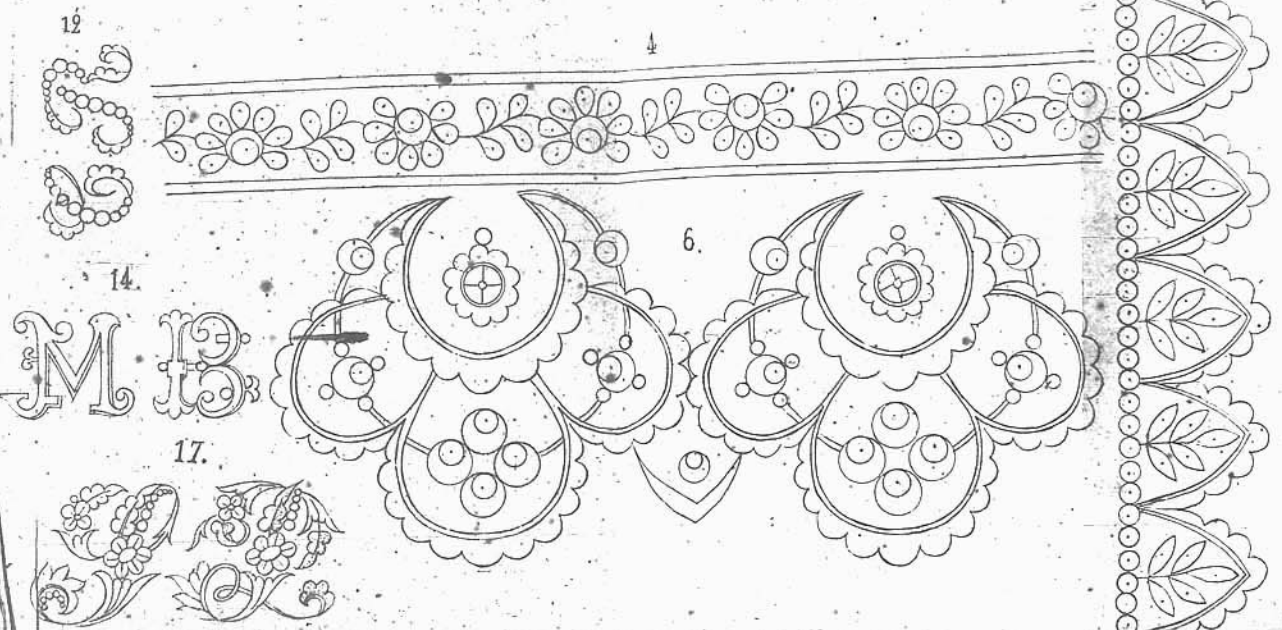
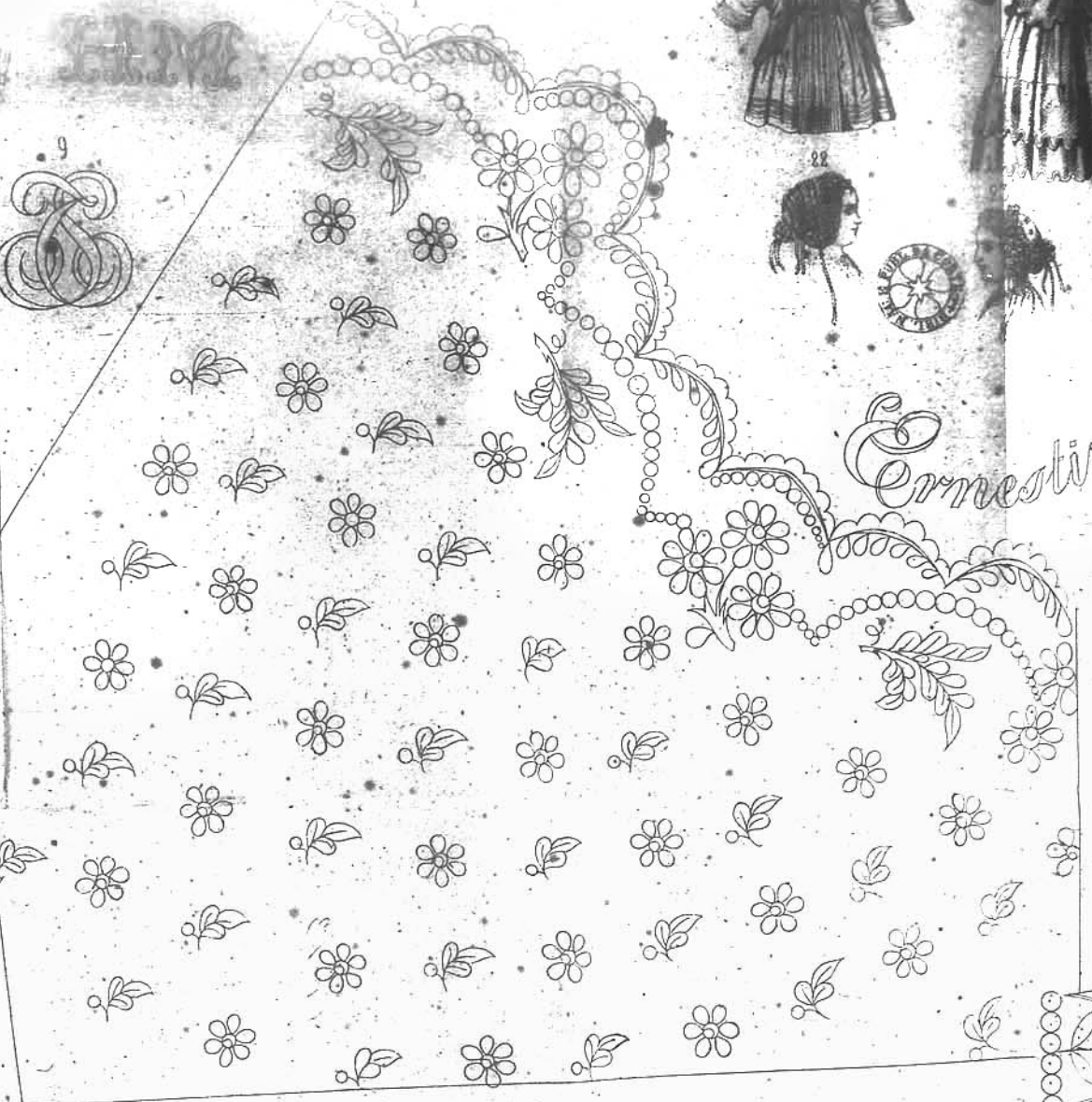
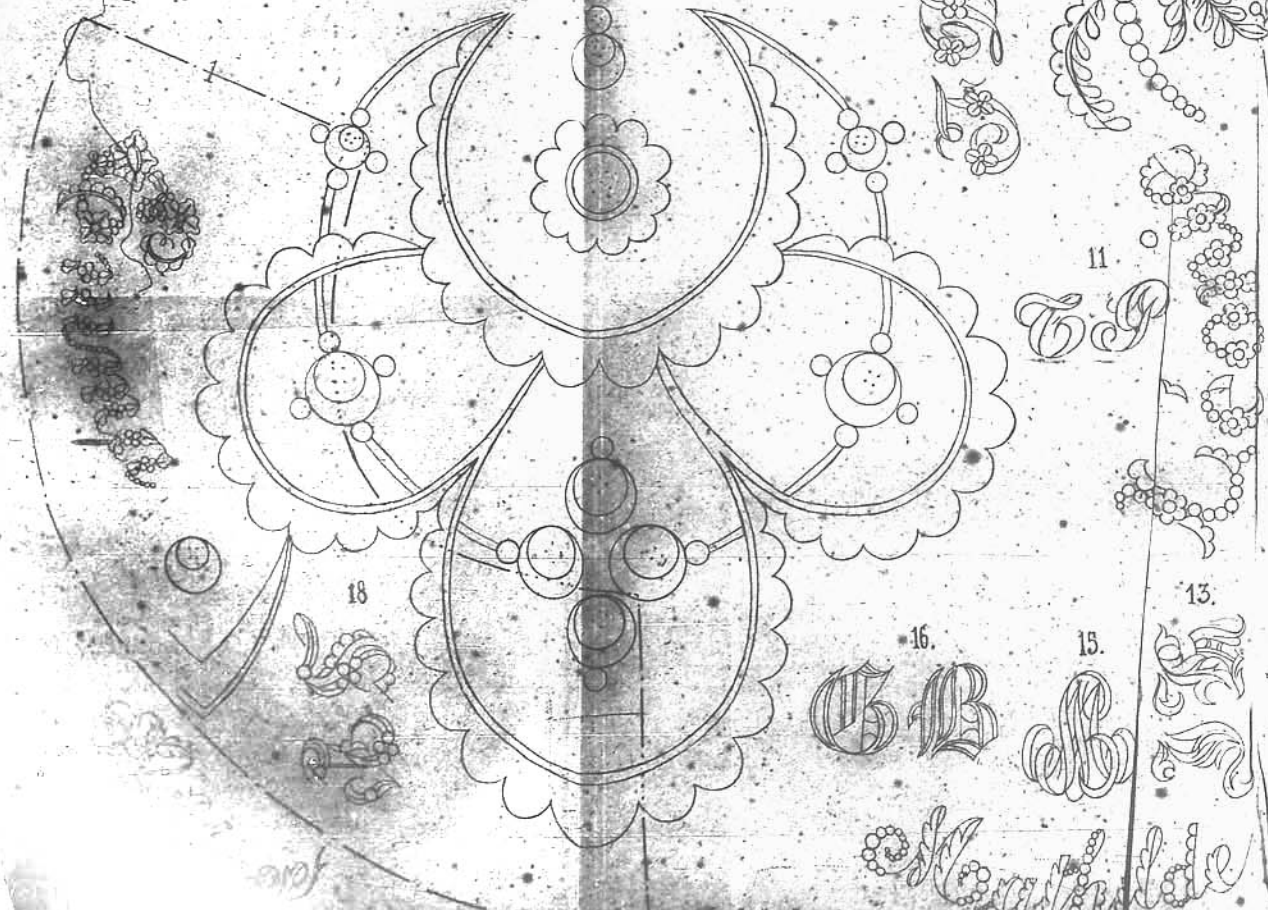
Ah! se eu pudesse mesmo entre a tormenta
Trazel-a desgrehada adormecida!...
Recostal-a em men seio, apoz instantes
Aparar em seus labios curta vida!...

Na escuridão da noite enlanguecer-me,
E suffocar-me n'um sonhar convulso...
Mostrar-lhe meus affectos, e carinhos,
Do verdadeiro amor o cego impulso!

REVUE



Ernestine



Tratal-a como a irmã de meus amores...
Desconfiando até da Natureza,
Fallar-lhe-hia baixo a seus ouvidos...
— Rasgar quizera o véo da incerteza —

— Chega mais a meu seio: nada temas...
Tu o sentes bater? dize abrazada
Toda cheia de amor, convulsa ao todo,
Desprezando a tormenta, afrouxa, é nada!

Minha bella, visão, dourado sonho
Porque tremes se acaso além troveja?
Pensas ter hoje o mundo o exterminio
Quando apenas rebame o céu d'inveja?

Oh! sim! chega p'ra mim, unidos sempre...
Junta o corpo ao meu corpo, o seio ao seio...
Oh! deixa esclarecer-me um sol mais vivo;
Sentir maior calor segundo creio....

Arquejar convulsivo o peito ardente
Emquanto vaga a alma em mundo novo
Embragado de amor esquecer vida,
Terra, Céu, Agoas, Serras, Patria, Povo!...

Enlaquecendo os olhos confundir-me...
Tornar-me cego ao todo, incendiado,
Preso a voz sem ousar um som sequer
Por extremos amor ter revellado!

Presos ambos; os labios sobre labios
Sorvendo licor divo: não queixoso
Vagar em regiões não conhecidas
Em teu moreno seio fruir gozo!...

Fermentar em meu cráneo idéas novas,
Ilusões ignotas deslizando-se
As glorias dos poetas, taes Bocage,
Camões, Garret a vista desmaiando-se!—

III.

Amor, amor á quanto me arrebatas!!!
Profanar pura cinza, erguer a lousa,
Despertar maldições, rebentar furias,
Perturbar santa paz, que além repousa!

Homens, cuja gloria efaua o mundo!
Deixai vagar as phrases sem destino,
Que labios são amor arrasta á tudo....
Torna a mente febril, lhe rouba o tino!

Louco! louco e cego amor só vejo!...
Se um sorriso me assoma, amor abrigo!
Pensamento, desejo, idéas, lagrimas,
São nascidas de amor, vivem comigo!

fnã ha pouco sonhei de amor o gozo!
Dormitava de amor em doce euleio!
Escaldava meus labios, visao tudo...
Escondia meu rosto em lindo seio!....

Santinha que me crês enfebrecido!
Rompe as trevas, cadêas te não prendao...
Converte em veras scenas illusoes
Teus affectos meus affectos comprehendão!..

Quanto pôde na dor nervoso beijo!
Acordado dormir sonho de amor...
Sonhar, sonhar c'os aijos em dormencia,
Beber em olhos languidos langor....

.....
.....
.....

Céus! que fogo abrasador m'escalda o peito!
Ternos labios me roçao;.. eu nada vejo:
Uma voz se me acorda, além me falla,
Cresce n'alma o amor, cresce o desejo!...

Meu corpo é todo fogo, a mente brazas!
Procuo a fada, que me doura a vida,
Relampago medonho me altomia,
Além me mostra estatua adormecida!

Rio—Passeio Publico 4 de Março de 1855.

O Triste.

O CONDESCENDENTE.

(Continuado do n.º 41.)

III.

A campanha, segundo a natural marcha de todas as cousas deste mundo, finalisou.... Um vacuo immenso e que necessitava ser preen-

chido por alguma cousa existia: ninguem estava contente com o desfecho que tiverão as cousas. Nenhum partido, tanto o que ficou com o mando como aquelle que dera as armas aos hespanhoes e inglezes, se considerava seguro, só havia

desconfiança, só receio. Entretanto, todos procuravam ver as famílias que desde tanto tempo não viam, e gozar em seu seio as doçuras de um socego que havia tanto tempo não gozavam, e que segundo o geral temor, estavam ameaçados de em breve perder.

Já vós haveis visto um povo todo em massa levantado? As estradas todas guardadas e cortadas, as povoações fortificando-se?... Ninguém havendo que não limpe as armas, e que não anhele pelo momento de as experimentar?... E não visteis ainda esses braços sempre levantados prometendo todo esmagar; esse rumor constante e ameaçador, semelhante ao rugir longínquo de uma tempestade?... Não sei ainda se é a vontade de Deus, ou a obra do diabo que assim faz alvoroçar os povos! Não sei ainda se será justa e attendivel a contricção do moribundo que morre, porque quiz despedaçar os seus semelhantes!... Nos repetidos vai-vens de um combate, quantas vezes ao ver fuzilar um caunhão, eu tenho comparado os seus effeitos destruidores com o poder do inferno; seu ruído estridor com o medonho ribonho do trovão que segue o raio; seu recuar instantaneo, com o passo vacillante do assassino que se esconde depois de mortalmente ter ferido a victima... E não reparasteis ainda, quando passados esses momentos de peleja sanguinolenta, os individuos que compoem toda uma sociedade, como ficam ameaçados, provocantes, e tanto que ainda não são satisfeitos de tanto brigar e tanta carnagem?... Oh! quanto é desgraçado um povo a quem as circumstancias força a recorrer ao despediado meio do sangue e da guerra!

Era assim que ficou Portugal quando em 1847 finalisou essa campanha fratrecida; os mãos de ambos os partidos querião mais sangue, a maior parte dos bons querião o socego e o tornar a abraçar suas famílias. O reino precisava, por assim dizer, ser recomposto; e ainda esta recomposição era cousa bem difficil; porque os mãos que tinham as armas, não querião deixar de fazer sangue; e bem mifito que ainda fizessem e bastante que ainda correu! Era preciso ainda sacrificar nesse altar que o estrangeirismo tinha segurado....

Logo que a campanha finalisou, eu cheguei a Lisboa. Era em uma dessas frias noites, umidas e acompanhadas da aragem regeladora do Norte, para combater a qual não bastava um bom fogo e boas roupas; o frio callava até aos ossos.

Eraõ dez horas. Eu descia a calçada de S. Francisco, e desde algum tempo que ouvia gemer... fui aproximando-me, alguém estava encostado a uma parede e acalentava uma criança a quem o frio arrancava gritos dolorosos. Eu não teria dado dous passos para aquelle lado, quando o vulto levantando-se veio cahir a meus pés, e abraçar os meus joelhos.

— Senhor... meu senhor, dai-me por quem sois alguma cousa com que mate a negra fome que me rõe as entranhas.

O som dessa voz não me era desconhecido; todavia, eu não mais indagava já socorrer a desgraçada, que coberta de adirrajos, roçava o chão e me pedia alimento ainda que não fosse

senão para uma só vez. Nós estávamos nas proximidades de um dos caudieiros de gaz, a luz deste deu de chapá no rosto da infeliz, quando eu fiz um pequeno movimento para a ajudar a levantar, e então conheci... Oh! meu Deus eu tremo de horror, quando tal cousa me vem á imaginação. Eu acabava de reconhecer nessa mulher degradada e ignominiosamente prostrada, a Ignez!.. Ella tambem me conheceu, porque deu um grito o mais sentido, que eu em toda a minha vida tenho escutado; e tapou a cara com as mãos.

— Em que estado vos venho encontrar, senhora!

— Ah! meu Deus, me respondeu ella, quizera antes morrer do que encontrar-me convosco.

— E vosso marido?

— Ha perto de dous annos que não sei delle.

Eu tinha dado alguns passos para trás, a infeliz suppunha que eu a abandonava.

— Oh! não vos vades, gritou ella com frenesi, não me abandoneis, eu conheço-vos: com quanto eu seja muito criminosa, estou certa que não me abandonareis.

— E essa criança que idade tem?

— Tres mezes.

— Tres mezes! repeti eu materialmente, logo é o filho da prostituição?

A desgraçada não respondeu, apenas um ai arrancado da alma se fez ouvir, ella padecia as penas do inferno.

— Onde é a vossa morada? lhe perguntei novamente.

— Na rua dos Camillos n.º 5.

— Pois bem, amanhã irei a vossa casa. E fiz um passo como para me apartar.

— Mas não me abandoneis assim esta noite... eu tenho fome, e o meu filho apressa de ser o filho do crime... vai de certo morrer.

Não lhe respondi porque sentia uma emoção difficil de descrever, atirei-lhe com uma moeda de prata, e me retirei a largos passos.

Este encontro produziu em mim uma contricção e um recolhimento que se não pôde exprimir. Essa mulher d'antes soberba da sua formosura, activa com a sua riqueza, e ciosa da sua virtude; essa mulher em summa, tão admirada e tão desejada no seu paiz, acaba de ser encontrada roçando a lama da miseria, e decorada com os trophéos do vicio nas ruas de uma rica capital, onde os passageiros a desprezão....

Haverá ahí alguém que não sirva opprimir-se-lhe o coração á vista de um semelhante quadro?

Sabeis como é a rua dos Camillos em Lisboa? Eu vol-o digo. Da Praça de D. Pedro, tão elegante, tão linda, tão aristocratica, e ostentando-se orgulhosa com o seu bello theatro opulentamente decorado; segue uma rua, é a do Amparo; nesta, vós encontraréis ainda muitas casas de cambio, no fundo das quaes vereis o ouro medonhamente amontado; passareis ainda a Praça da Figueira, delicias dos glotões: entraréis então em uma infinidade de ruas tortuosas, sujas, todas enlameadas, residencia das mulheres perdidas, dos arrieiros, dos soldados debochados, dos marinheiros licenciados. Destas ruas partem muitos rastos onde o sol raras vezes

entra, e onde a moral e a civilização ainda não puderão chegar; onde o crime se ostenta soberbo e quasi com a certeza da impunidade. Pois bem, no meio desta repugnante metropole da devassidão, é a rua dos Camillos, tão bella como as suas visinhas e com a mesma dedicação.

No dia seguinte áquelle em que encontrei Ignéz, para ali me encaminhei. Entrei na porta n.º 3, subi a estreita escadinha desta casa para quem mais apropriado nome será o de espelunca, e logo na primeira casa topei com a infeliz estendida a um canto envolvida em alguns farrapos de diferentes cores, e todo cheio da mais nojenta immundicia; ella tinha seu filho abraçado sobre o peito, a desventurada criança se esforçava em vão de ali achar com que alimentar-se. Assim que me viu, deliquenciu levantando-se e vir ao meu encontro, mas as forças não lhe permittirão, e cahiu novamente nas taboas enlodaçadas do soalho; seu filho gritou, era de fome.

— Bem vêdes, me disse ella acaalentando o menino, já não tenho forças para me erguer.

— Tendes por certo sido muito criminosa, mas eu vejo que a final o arrependimento,....

— Arrependimento... me tornou ella encucando-me com horror, e de que serve elle? Acaso o arrependimento podera agora recuperar todos os males que tenho causado?... Oh! a dor do remorso é o que mais me mata, a agonia e o desespero. E a infeliz soluçava amargamente.

— Mas vosso marido é tão bom, elle ha de perdoar-vos.

— Meu marido!... e acaso teria eu valor para tornar a apparecer diante delle! oh! não, toda a sua bondade, toda a sua differença para comigo não terião poder para tanto.

— Então estais de todo desesperada?

Elle não me respondeu, seus olhos fixos no tecto começaram a inchar que parecia querer saltar fora das orbitas, pôz a mão no peito que parecia dilatar-se, e em pouco começou a debater-se com uma espantosa convulsão. Eu corri depressa a arrancar-lhe o innocente que ella quasi suffocava, e tambem me apressei em chamar soccorro.

Uma mulher acudiu ao meu chamado, era uma das inquilinas daquelle predio, creatura repugnante; sua voz rouca e sua cara afogueada davão bem depressa a entender o seu genero de vida; ella se me apresentou perguntando se eu queria alguma cousa; respondi-lhe indicando a enferma, e lhe prometti alguma cousa, caso quizesse ajudar a tratar della. A mulher me respondeu que sim rindo despropositadamente.

Com effeito, ambos nos empenhamos por fazer tornar Ignéz a si, mas o nosso trabalho foi baldado, porque ella em lugar de recuperar os sentidos, cahiu em um lethargo do qual não era possivel fazel-a sair; deliberei então mandar chamar um medico; pedi á mulher que me tinha ajudado, chamasse alguem para este fim, ella me disse que sim, e sahio dizendo de caminho com o seu ar de chocarreira — olhem lá a chorona de medico, em!...

Não tardou muito tempo que ella não entrasse

acompanhada de uma rapariguinha de doze a treze annos, já trazendo em si os hem visíveis signaes do vicio, e olhando-me me disse que ali estava um portador seguro. Rasguei uma folha da minha carteira, nella escrevi a lapis e á pressa, dando-a depois á pequena para que fosse entregar na casa que lhe ensinei. Entretanto, eu procurei saber da mulher que me disse chamar-se Adelaide, se era costume darem aquelles ataques em Ignéz. Adelaide depois de se rir muito, me respondeu que ninguém ali sabia desse nome; que ella era conhecida pelas suas companheiras, por Julia, e que tambem a conheçia pelo alcunha de chorona, por estar sempre a chorar; e que era verdade terem-lhe dado aquelles ataques por diferentes vezes, mas que nunca vira um tão grande.

O medico que eu havia mandado chamar, e que era um dos meus amigos, entrou nesta occasião, eu lhe expliquei em poucas palavras o estado da infeliz. O doutor a foi examinar, e pelos seus signaes de descontentamento confieci que elle poucas esperanças tinha do melhoramento da enferma, contudo, receitor.

Chegados que forão os medicamentos, fizeram-se as applicações convenientes, e a poder de muito trabalho e muito cuidado, depois de passadas mais de duas horas, a dente abriu os olhos, mas ao uso da falla foi impossivel tornal-a; mandou-se então chamar um padre para lhe ministrar os ultimos confortos espirituaes.

Eu passeava em um quarto immediato com o doutor, em quanto o sacerdote se occupava, havia seguramente uma hora, em pôr em pratica os beneficios do seu ministerio: elle não veio dizer por fim, que a enferma havia recuperado o uso da lalla, e que queria dizer-me algumas cousas. Approximei-me da sua miseravel cama, ella ali estava de joelhos e com os braços estendidos.

— Senhor, me disse ella logo que cheguei, o Céu vai enfim punir as minhas maldades, eu o sinto; e de mais, eu não morro com a contricção que devia; sinto que o alento se me acaba; tenho mesmo já mortas algumas partes do meu corpo; é provavel que antes de uma hora a recitidão do inflexivel Juiz me tenha condemnado... mas, por ultimo ainda tenho que pedir-vos um favor!... uma unica graça... a de meu filho.... Ella se banhava em lagrimas, seu coração palpitava com tanta força, que seu peito arcava de baixo da suja camisa; depois estendendo seus braços que ainda erão de um torneado magnifico, e apertando as mãos que levantou para o Céu, exclamou:

— Meu Deus! vós bem sabeis como tenho penado, desde que tenho a consciencia de que sou criminosa!... Meu Deus, não me desconteis nada dos meus peccados se isto é do vosso agrado: mas ao meu filho, Senhor, fazei-o tão feliz, quanto eu tenho sido desgraçada... ao meu filho, dai-lhe em desconto do que elle fizer quando deixar de ser innocente, todos os padecimentos da sua triste mãe....

A sua voz estava já muito alterada, a cabeça se lhe perturbou, e ella sentou-se sobre os farrapos da sua cama, correndo a mão de modo fina

pela testa ainda formosa: seus olhos se revolvião embacados, o ultimo instante da vida era chegado.... Por fim ponde vencer ainda um instante a sua agonia, e tornou a fallar-me.

— Vós não abandonareis o meu filho, não é assim?... elle é tão pequenino... elle não tem culpa do que a mãe fez... Sim, senhor, vós não o abandonareis, dai-me a vossa palavra. Calou-se um momento; eu fiz um signal que significava annuir ao seu pedido. — Oh! muito obrigado... muito obrigado... Meu Deus, vós ainda me protegeis!!!...

E deitando a cabeça sobre o braço, começou a resar com fervor e a meia voz. Eu sahi não querendo interrumpê-la, o padre foi para junto della. O doutor esperava por mim, perguntei-lhe se não haveria salvação possível para aquella desgraçada.

— A da alma, me respondeu o medico, porque o corpo está morto. Esta creatura nasceu no meio da abundancia, a sua educação foi ainda maior do que o pedião as suas circumstancias; cahiu uma vez em uma falta, esta foi a razão porque se commettêrão novas; o seu moral, assim como o seu physico padece constantemente desde que o primeiro máo passo se deu; apezar d'isso ella tinha podido vencer tudo, até a occasião em que vos viu: com a vossa presença se lhe despertou na memoria todo o seu passado, o choque que recebeu junto com o seu estado de fraqueza e continuo padecer, produziu a crise

em que se acha, e deste estado lhe virá a morte; não o duvideis.

— Mas, ajudada moralmente, e com os soccorros da arte, não haveria absolutamente nenhuma esperanza?

— Para quem foi creado como a vossa protegida, tudo quanto é variar de condição é dar-lhe a morte. O ar repovado do sem cessar, e sol puro lá nessa vida livre do campo; eis ahí do que ella tinha precisão de se não apartar, ao menos por muito tempo. Quasi de repente, passando dessa vida livre e pura que gozava, para a vida do crime e da podridão, respirando o ar infecto destes coviz, e sujeita a alimentar-se com as comidas que os mais regeitão; com vestimentas impróprias das estações, sem limpeza, sem recursos e enfim faltando a todos os preceitos hygienicos: além disso todas as outras affecções que ella tem experimentado, produzirão toda essa desorganisação moral e physica, que para a combater já não ha nenhum remedio humano.

— Seja feita a vontade de Deus, exclamou o padre chegando junto a nós: acaba de fallecer.

Cumpriu-se o máo fado a que aquella infeliz quiz ser vatada; morreu no meio da pobreza e degradação, cheia de remorsos, e opprimida com a molestia incuravel que ella mesma havia graugado.

Fiz as disposições convenientes a respeito do menino, encomendei o enterro ao bom do cle-rigo e sahi com o doutor. (Continúa.)

Anecdotas.

O ALDEÃO E O CURA.

Foi um aldeão á casa de certo cura pedir-lhe que dissesse uma missa por alma de seu pai. O cura accitou a proposta, e o freguez poz sobre a mesa um cruzado-novo, em quanto o padre foi buscar um copo de vinho para lhe offerecer. Veo o padre com o vinho, e disse ao aldeão:

— Ora aqui tem vme. um bello vinho; é mesmo vinho do purgatorio. Que tal o acha?

— Excelente, respondeu o camponez, e foi mettendo o cruzado-novo na algibeira.

O cura, admirado, pediu-lhe que explicasse o seu procedimento.

— Eu lhe digo, meu padre, respondeu o aldeão; se o vinho é tão bom no purgatorio, é uma asneira gastar dinheiro em missas, para que meu pai se tire de lá.

Um recebedor geral, em França, desposou a filha de um ministro; casamento, que teve consequencias pouco ordinarias, á espera das de-

mais. Um dos amigos do funcionario lhe perguntou ultimamente, como tinha elle podido fazer uma tão singular escolha, qual a de uma mulher aquem Venus não tinha dado o seu cinto, e que não sabia apresentar-se na sociedade.

« Não vos admireis, lhe respondeu o philosopho: tomei-a pelo pezo, sem considerar no feito pelo qual nada dei.

CHARADA.

Em mim se funda	
A religião;	1
Faltei á verdade,	
Mas, dá-me perdão?	2
Oh! sim! eu te peço,	
Mostra compaixão!...	1

Mas, não! não podes dar... no peito teu
Não cabe mais perdão!...
É assim que cumpres tu o que promettes,
Mulher sem coração?..

A charada do n.º passado é: *Barbaça.*

Acompanha feste n.º 43 um padrão de bordados.

Typ. DO *Jornal das Senhoras*, RUA DO CANO N. 163.

